



Artigos traduzem o sentimento de milhões de brasileiros

Dois artigos publicados no domingo pela imprensa paulista traduzem o sentimento de milhões e milhões de brasileiros sobre o significado do governo Lula para o país. Um é assinado pelo professor de ética e filosofia política da USP, Renato Janine Ribeiro; o outro pelo professor de Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fespap), Aldo Fornazieri. Ambos valem a leitura.

Democracia é maior que qualquer um de nós

(artigo publicado na Folha de S.Paulo em 01/10/06)

Eleição não é luta do bem com o mal. É comparação. Voto em Lula porque, a meu ver, seu governo melhorou o Brasil. Ele recebeu o país com uma agenda ditada pela direita, que reduzia quase tudo à política econômica, ou pior, à monetária e à fiscal; um país que, no fim de 2001, não cumpria mais o Orçamento, sem dinheiro nem para pagar passagens de ministros, com o dólar a R\$ 4 e um risco-Brasil enorme. Ora, o governo de centro-esquerda foi capaz de acalmar a economia, de baixar o risco, de aumentar as exportações, enfim, de cumprir uma agenda econômica que não era sua prioridade, nem a dos movimentos populares, e isso sem privatizar nada, sem desfazer o patrimônio público.

Mais, ainda: Lula colocou na política brasileira, de modo definitivo, uma agenda social importante. E com êxito. Segundo Maria Inês Nassif ("Valor Econômico", 24/8), o maior rigor em programas como o Bolsa-Família e os do Ministério das Cidades "desintermediou o voto da população pobre, que antes passava pelo chefe local". Se isso é certo, não há paternalismo na atual política de promoção social. Não adianta ficar inventando que Lula se proclamou "pai dos pobres". Alguns jornalistas dizem isso, mas nunca informam quando o presidente teria usado uma linguagem tão contrária a suas crenças para se referir a si próprio. Tudo indica que há menos paternalismo agora do que antes.

É engraçado: quando se banhava de dinheiro o grande capital (empréstimos do BNDES a juros baixos para privatizar estatais), a opinião dominante chamava isso de progresso, mas, quando se dá dinheiro aos mais pobres, para comerem e se vestirem melhor, a mesma opinião dominante entende que dinheiro nas mãos de pobres não presta.

Discordo disso.

Quero uma sociedade democrática. Isso significa, em primeiro lugar, o fim da miséria, a redução da desigualdade social.

No horizonte político brasileiro, não vejo força melhor que a coligação de esquerda para promover esse salto qualitativo. Ela tem sido capaz de melhorar as condições sociais com uma temperatura baixa de conflitos, ao contrário do que diziam seus detratores.

O país não pegou fogo. O saldo do governo é positivo: a questão social está sendo bem orientada.

Agora vamos à questão ética.

No governo atual o procurador-geral não engaveta processos, a Polícia Federal age, CPIs funcionam. Já seu principal adversário impediu 60 CPIs de funcionar na Assembléia paulista, deixou uma política de segurança prepotente e ineficaz (porque acabamos sob o domínio do PCC) e uma política de educação que não é das melhores. Eleição é comparação. Não vejo no governo Alckmin superioridade ética sobre o governo Lula.

Contudo, há satisfações que o PT deve à sociedade. Os escândalos mostram que ele é um partido mais "normal" do que imaginava ser. Humildade não faz mal. O PT tem seus defeitos. Deve contas ao Brasil. Tem de fazer uma faxina interna e punir quem errou. Mas, ainda assim, consegue governar melhor que os outros. Aliás, seria bom o país todo fazer um exame de consciência. Com o financiamento privado de eleições, a porta se escancara para a negociata. Deveríamos priorizar em 2007 a reforma política, com fidelidade partidária, condições mais equilibradas de financiamento às candidaturas e talvez até o voto distrital.

Uma eleição não é uma guerra. Amanhã e sempre, teremos de conviver, quem votou em Lula ou nos outros candidatos.

Precisa cessar o terror discursivo, a ameaça ao voto universal. Este é o segundo ponto em que desejo uma sociedade democrática. Democracia significa respeitar o discurso do outro. Nas eleições, as pessoas se exaltam, mas é desonesto deformar o que o outro disse.

Muito do que hoje se conta sobre o PT ou sobre quem o apóia, como eu, é uma enorme caricatura. Isso amesquinha a política, que deve ser arena de adversários, não de inimigos.

Esse clima envenenado não ajuda o de que mais precisamos, não nós da esquerda, mas nós brasileiros: construir alianças, trabalho em conjunto, convergências. A sociedade é maior que a política. O Brasil é maior que os partidos. A pequena ambição não pode erodir nossas oportunidades.

Podemos enfrentar a miséria, melhorar a educação e a saúde, integrar os excluídos. Penso que Lula é o mais adequado, hoje, para dirigir o governo neste rumo mas penso também que este tem de ser um projeto de sociedade, e não apenas de governo. Não estamos, hoje, terceirizando a solução de nossos problemas. Estamos elegendo o mais apto a dirigir um esforço que deve ser maior do que ele e do que qualquer um de nós.

RENATO JANINE RIBEIRO, professor de ética e filosofia política na USP, é diretor de avaliação da Capes e autor de, entre outras obras, "A Sociedade Contra o Social - O Alto Custo da Vida Pública no Brasil" (Companhia das Letras)

Por que vou votar em Lula

(artigo publicado no jornal O Estado de S.Paulo em 01/10/06)

Quando se julga um governante com a perspectiva de reelegê-lo, o critério a ser adotado para a decisão do voto deve ser racional. Trata-se de fazer um balanço dos resultados. Ao analisar os principais indicadores governamentais, como políticas sociais, geração de emprego, combate à pobreza, elevação dos salários e da renda, combate ao crime organizado, desempenho da economia, das exportações, controle da inflação, preços dos alimentos, acesso ao crédito, contas públicas, entre outros, não resta dúvida de que o governo Lula produziu resultados melhores do que os do governo Fernando Henrique, do PSDB.

O sentido ético da ação de um governo deve se traduzir em resultados. Tais resultados devem indicar um incremento positivo da liberdade, da justiça e da equidade. Na medida em que sob o atual governo, milhões de pessoas saíram da linha da pobreza ou tiveram suas condições de vida melhoradas e mais acesso a bens como educação e cultura, a perspectiva da continuidade e aprofundamento deste processo me motiva a votar em Lula.

Mas voto também com a expectativa de que Lula saiba encontrar um caminho para promover, de forma adequada, a manutenção da estabilidade econômica com o desenvolvimento econômico e social, sinalizando um projeto estratégico para o Brasil.

Outra expectativa é a de que ele promova um pacto de governabilidade com os governadores que serão eleitos pela oposição, colocando o interesse público acima das querelas partidárias. Espero que ele apóie a realização de uma profunda reforma política, com um sentido moralizador e modernizador das instituições, capaz de afirmar os partidos e os programas e de imprimir mais eficácia na coordenação política e nas decisões governamentais.

Os integrantes do novo governo devem saber distinguir claramente o público do privado, o público do partidário. Espero que Lula afaste do governo auxiliares interesseiros, e que convoque, para auxiliá-lo e assessorá-lo, pessoas responsáveis, capazes, despojadas e dotadas de espírito republicano.

Alimento a esperança de que o segundo mandato tenha um sentido reformador, e que eleve o País para um patamar mais justo e desenvolvido. Tenho a convicção de que quando se escolhe um governante deve se escolher alguém que tenha a perspectiva de ser um líder político, um chefe de Estado e não um mero gerente. Penso que a média das minhas expectativas é igual à média das expectativas de todos os eleitores de Lula. Se for reeleito, Lula tem uma obrigação e dever para com o programa de seus eleitores e para com as demandas de dignidade de todos os brasileiros.

Aldo Fornazieri é professor de Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - Fespsp.
